

Auto-estima, feminilidade e sensualidade na dança do ventre¹

Lúcia C. J. Cornely

Resumo: A dança do ventre com suas características na contribuição para as mulheres serem mais femininas e terem maior auto-estima juntamente com uma reflexão sobre a sua sensualidade.

Palavras-chave: Mulher moderna – dança do ventre – feminilidade – auto-estima - sensualidade

A mulher em nossa sociedade, com os movimentos feministas tem obtido muitas conquistas, desde a liberdade ao voto até sua inserção no mercado de trabalho, porém essas conquistas têm conseqüências positivas ou negativas que vem de encontro com a mulher moderna e seu modo de ver o mundo.

A mulher moderna e sua relação com o seu corpo

Mulheres, de todos os tamanhos, formas e cores, atualmente além dos adjetivos conhecidos, são classificadas com novos adjetivos, por exemplo: “alisadas”, “siliconadas”, “lipoaspiradas”, “recauchutadas”, etc. Estes adjetivos são conseqüências do mundo moderno e da forma como a mulher se coloca nele.

As mulheres encontram-se em uma permanente insatisfação com seu corpo, em uma jornada dupla de mãe e executiva acabam perdendo-se na busca do corpo “ideal” e perdem também sua identidade.

O corpo ideal é longilíneo, ou seja, alto, muito magro e com ausência de tecido adiposo, buscando em Gilberto Freyre ² encontra-se definido por ele o chamado “impacto da boneca loura”: pele alva, cabelos loiros e bochechas rosadas, na busca de serem

* Acadêmica de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹ Artigo desenvolvido na disciplina de Pesquisa Social III (PUCRS), ministrada pelo professor Ricardo Mariano.

² FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. Editora Record. Rio de Janeiro: 2002. p.25.

iguais à Gisele Bündchen as mulheres fazem sacrifícios e apelam até para medidas drásticas e nocivas.

A culminância deste processo é um ideal andrógono, que não valoriza as formas femininas e faz com que as mulheres, se conseguirem seu intento fiquem todas iguais: sem identidade. Em busca da perfeição, como nos diz Ana Figueiredo:

*”Discursos são veiculados, em relação ao corpo, por práticas discursivas em direção da construção de um “corpo perfeito”, que não pode “deformar-se”. Com tais práticas discursivas, estabelece-se uma relação com o corpo: uma relação de industrialização da beleza.”*³

E nos completa Naomi Wolf, *“Uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle”*⁴

A mulher é constantemente bombardeada por técnicas e produtos que prometem milagres para alcançar a perfeição exigida. Como nos mostra a fala de Rita Lee (citada em Mirian Goldenberg):

*“Todos vimos, na televisão, modelos torturados por seguidas cirurgias plásticas. Transformaram seus seios em alegorias para entrar na moda da peitaria robusta das norte-americanas. Entupiram as nádegas de silicone para se tomarem reboativas e sensuais, garantindo bom sucesso nas passarelas do samba. Substituíram os narizes, desviaram costas, mudaram o traçado do dorso para se adaptarem á moda do momento e ficarem irresistíveis diante dos homens. E com isso, Barbies de funkaria, provocaram em muitas outras mulheres – as baixinhas, as gordas, as de óculos – um sentimento de perda de auto-estima”. (2003)*⁵

³ FIGUEIREDO, Ana Cristina de L. **Na linguagem artística da dança do ventre: o reencontro com a feminilidade no processo de subjetivação.** Disponível em : <http://www.centrodancadoventre.com.br/content/view/242/114/>

⁴ WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como imagens da beleza são usadas contra as mulheres.** Trad. Waldéa Barcellos. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1992.

⁵Rita Lee citada em: GOLDENBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira.** Revista Psicologia Clínica, vol.17, nº2. Rio de Janeiro, 2005.

A mulher tornou-se meramente um produto e neste processo distanciou-se de sua feminilidade, sua relação com as características femininas tornaram-se doentias, ela não quer engravidar por que deforma o corpo, amamentar nem pensar e a menstruação é um suplício mensal angustiante, não uma dádiva ao seu poder de produzir vida.

Cria uma relação de amor e ódio com seu corpo, o ama quando se encaixa nos padrões e o odeia quando se distancia deles.

Sua auto-estima baixa, torna-se masculinizada, nega a beleza das “Vênus”, arredondadas e suaves, segundo Marilena Chauí⁶ a força feminina vem de sua graça, fragilidade, leveza e sensibilidade, a imagem do feminino sedutor sem ser vulgar.

A Dança do Ventre no resgate da mulher feminina

A dança do ventre remete a véus, movimentos ondulados, sensualidade e mulheres.

A dança do ventre surge em várias culturas, há indícios de que possa ter surgido no antigo Egito por volta de 7.000 a.C, onde eram realizadas por sacerdotisas para rituais de fertilidade e adoração, e também existem pesquisadores que acreditam que ela tenha surgido com um povo mais antigo, os sumérios, proveniente de um ritual sagrado.⁷

O verdadeiro nome dessa dança é Raks Sharki (dança do oriente), no Brasil é chamada de Dança do Ventre, esta é uma dança produzida por mulheres e para as mulheres, foi desenvolvida num tempo onde às deusas estavam vivas e presentes em forma de mito, num tempo onde à mulher e a serpente eram sagradas.

Inicialmente praticada no Brasil, mas conhecida apenas por seus apreciadores, geralmente de origens orientais, difundiu-se no Brasil com a novela

⁶ CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1991.

⁷ PENNA, Lucy. **Dance e Recrie o Mundo: A força Criativa do Ventre**. São Paulo-SP: Summus, 1993.

global “O Clone” exibida entre 1 de outubro de 2001 e 15 de junho de 2002, escrita por Glória Perez.⁸

Por excluir os homens de sua prática, a dança do ventre apresenta-se como uma dança de mulheres feita para seu corpo e sua feminilidade, tanto biologicamente quanto culturalmente.

A dança, por ela mesma, desde o samba até o funk, é uma forma de exteriorizar sentimentos.

Ela é uma linguagem do corpo, a dança do ventre mais que uma dança, é parte de um ritual sagrado que louva à Deusa, e como nos diz Rosalira de Oliveira:

“Embora a Deusa não seja equivalente da mulher, no seu simbolismo encontra-se presente muito daquilo que constitui o mais profundo do ser feminino, o que permite às mulheres uma identificação mais imediata com o arquétipo. Através desse processo de identificação, aspectos de suas vidas ignorados, marginalizados ou evitados pelas religiões patriarcais são resgatados e elas se tornam aptas a compreender e reverenciar a sacralidade da sua vida e de seu corpo.”⁹

Para a mulher então, a dança do ventre se constitui no resgate de um corpo feminino negado nas últimas décadas.

A dançarina e sua auto-estima

A mulher brasileira possui um biotipo miscigendo, uma grande diversidade de formas, geralmente não condizentes com os padrões de beleza atuais, onde uma abundância de formas é rejeitada por um ideal androgêno.

Bastante presente nos relatos das dançarinas da dança do ventre foi a elevação e/ou o resgate da auto-estima.

⁸ Informação disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Clone

⁹ OLIVEIRA, Rosalira. **Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais.** Revista Àrtemis, número 3, 2005.

Os relatos falam do cuidado de si e para si, desenvolvido após o início da prática da dança do ventre.

A fala desta jovem de 22 anos, praticante da dança há seis meses demonstra um maior respeito para consigo e o “cuidar de si” em busca de uma satisfação pessoal:

“Me sinto mais feminina, passeia utilizar cremes e hidratantes, não para ficar bonita para os outros, mas para ficar bonita para mim. Se eu me sinto bem, não importa o que os outros pensam”

Sobre isto Ana Figueiredo comenta:

“É a relação de poder que a Dança do Ventre tem de recuperar a essência feminina que faz com que a mulher, a partir de uma realidade ideológica institucionalizada, se veja de forma diferente; ela aceita seu corpo e passa a amá-lo, aceita sua situação de mulher, conhece o próprio corpo através dos movimentos da Dança do Ventre, e constrói uma relação de bem-estar consigo mesma e com a feminilidade(...)”¹⁰

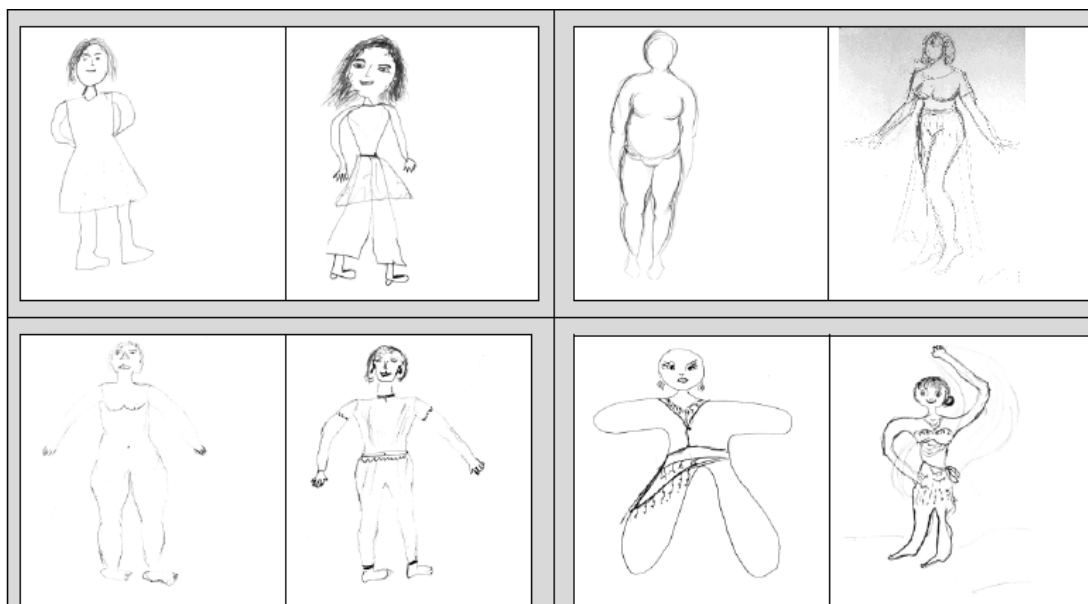
A maneira da dançarina se colocar no mundo expressa confiança, um processo de autoconhecimento que a coloca de frente com suas questões pessoais de aceitação de seu corpo e sua representação corporal no mundo.

Amplamente exemplificado empiricamente no projeto “Uma medida de peso”¹¹ realizado em São Paulo e relatado por Sandra Marques, onde mulheres obesas expressaram sua representação corporal com um desenho inicial do próprio corpo, elas representaram-se disformes, como bolas e com ausência de partes do corpo que representam o feminino, como por exemplo seios.

Após doze aulas de dança do ventre foi solicitado outro desenho, os resultados apresentaram uma evolução em relação à aceitação do próprio corpo, suas dimensões, sua auto-estima, sua feminilidade e sua sensualidade, antes quase inexistente. Como podemos ver nos desenhos abaixo:

¹⁰ Idem item 3.

¹¹ Baseado na leitura da pesquisa de: MARQUES, Sandra. **A Dança do ventre como instrumento de reconstrução da imagem corporal em mulheres obesas**. Disponível em: www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c72a.pdf



Disponível em: www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c72a.pdf

Sobre estas transformações ocorridas na dançarina, nos diz Dra Maria Saraiva e Julieta Camargo:

“Essas transformações no corpo da pessoa que dança, que envolvem beleza de formas, também envolvem a beleza encontrada quando a pessoa se sente única, quando ela encontra na sua individualidade o poder de se conhecer e se sentir bem com “o corpo que tem”. A mulher passa a se aceitar fisicamente, expressando esse aceitação e confiança na maneira que se coloca no mundo”¹²

O desenvolvimento da confiança na maneira como se coloca no mundo é muito importante nesta relação da dança do ventre e a valorização da abundância de formas.

Dança do ventre e valorização do biotipo “cheinho”

¹² SARAIVA, Maria do Carmo, CAMARGO, Julieta Furtado. **Dança do ventre: Re-significações do feminino?** Revista Fazendo o Gênero – Corpo, Violência e poder. Florianópolis, 2008.

Apesar de sua origem egípcia a dança do ventre difundiu-se mesmo em países arabe-muçulmanos, o principal disseminador da dança que carrega consigo também a valorização das “gordinhas” presente nesta cultura.

Em uma conversa informal com uma professora de dança do ventre sua fala foi aproximadamente esta:

“Se você é magrinha e participa de concursos de dança do ventre com júri brasileiro pode até se dar bem, mas se tiver um jurado arabe e você não tiver uma barriguinha, desiste, ele vai te ignorar completamente”

Como podemos verificar a dança do ventre além de trazer os benefícios mencionados anteriormente, valoriza as mulheres que segundo o padrão ocidental é considerada acima do peso, com o benefício adicional de ser praticada somente por mulheres, levando elas a se “soltarem” na hora da dança, pois muitas têm vergonha de seu corpo por estarem “acima do peso” e são valorizadas na dança do ventre justamente por isto.

Clifford Geertz em seu livro “Saber Local (o): Novos ensaios em antropologia interpretativa”¹³ nos apresenta como aspecto do senso comum a naturalidade, que é observada no fato de uma representação cultural mudar por diversos fatores e ser ainda assim considerada natural, como por exemplo, a cantora Fafá de Belém há alguns anos atrás fez uma cirurgia de redução de seios, pois naquele período o seio considerado bonito era o pequeno, e atualmente muitas mulheres, por conta da mudança desta representação fazem cirurgia para colocar seio, pois agora o considerado bonito é o seio grande.

Esta naturalidade pode ser observada em relação a dança do ventre e as mulheres “cheinhas”.

A sensualidade da dança do ventre

¹³ Baseado no capítulo 4, GEERTZ, Clifford. **Saber Local (o): Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Editora vozes. São Paulo, 1992.

Uma afirmação decorrente sobre a dança do ventre é o fato dela ser uma dança sensual.

A sensualidade na dança do ventre segundo Camargo e Saraiva¹⁴ quando comentada por suas dançarinas geralmente vêm com o receio de que seja confundida com pornografia.

A conotação pornográfica dada a dança do ventre por alguns vem do desconhecimento, pois a sensualidade presente na dança do ventre é proveniente, como alegam algumas entrevistadas do fato como mencionado acima, de ser uma dança em louvor as Deusas e sua fertilidade, como um louvor a fertilidade sua consequência é tornar-se sensual por seus movimentos suaves e ondulados. Este sensualismo é considerado como um “estado de graça” por ser de uma expressão doce, meiga e graciosa.

A sensualidade e a vulgaridade

A conotação pornográfica da sensualidade é uma vulgarização da sensualidade.

Uma entrevistada ao ser questionada sobre isto respondeu:

“ Muitas pessoas vêem a dança como exposição do corpo, como uma dança usada para “provocar” os homens. Algumas bailarinas realmente dançam com este objetivo, o que acaba reafirmando essa percepção.”

Segundo ela, a dançarina pode tornar ou não a dança vulgar.

As entrevistadas alegam que a sensualidade da dança do ventre é sutil, não vulgar como, por exemplo, a sexualidade explícita do funk e a nudez do samba no carnaval.

A dança do ventre pode ser usada como um jogo de sedução, pois ela utiliza o imaginário, mostrando partes do corpo que apenas sugerem ao contrário da “exposição de corpos” presente no carnaval.

Podemos fazer um comparativo entre a visão do “nativo” e do “estrangeiro”, um estrangeiro que vem ao Brasil no carnaval vai notar apenas a nudez,

¹⁴ Idem item 12.

enquanto um nativo nota as cores, a “ginga”. O mesmo ocorre em relação à dança do ventre, o olhar estrangeiro pode captar e/ou distorcer o que é natural para o nativo.

Considerações finais

A dança do ventre apresenta contribuições muito benéficas às mulheres, como nos diz Takusi Nahid (apud Ana Abrão e Luiz Pedrão):

“A dança do ventre coloca a mulher em contato com as energias positivas. É uma dança sagrada, é trabalhada e desenvolvida para sustentar as fragilidades, afagar nossos sofrimentos, realçar o brilho agitado de nossos corações agitados pela rotina e resgatar a identidade feminina”¹⁵

Mais que uma dança, a dança do ventre trás o conhecimento de uma cultura diferente, somado aos benefícios de auto-estima e auto-realização observados em suas praticantes e a uma maior compreensão e respeito ao “jeito de ser” de outros.

A dança do ventre possui ainda uma gama de pesquisas possíveis, a redução ocorrida nesta pesquisa deu-se pela necessidade de um período maior de pesquisa para aprofundamento maior no assunto.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Ana C. P. e PEDRÃO, Luiz J. A contribuição da dança do ventre para educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança. Revista Latino-americana de enfermagem, nº13, 2005. Disponível em:

¹⁵ NAHID, Takusi M. 2000 apud ABRÃO, Ana e PEDRÃO, Luiz, 2005.

<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=403288&indexSearch=ID>

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida. Editora Brasiliense. São Paulo, 1991.

FIGUEIREDO, Ana Cristina de L. Na linguagem artística da dança do ventre: o reencontro com a feminilidade no processo de subjetivação. Disponível em: <http://www.centrodancadoventre.com.br/content/view/242/114/>

FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. Editora Record. Rio de Janeiro: 2002.

GEERTZ, Clifford. Saber Local (o): Novos ensaios em antropologia interpretativa. Editora vozes. São Paulo, 1992

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. Revista Psicologia Clínica, vol.17, nº2. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652005000200006=sci_artext

MARQUES, Sandra. A Dança do ventre como instrumento de reconstrução da imagem corporal em mulheres obesas. Disponível em: www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c72a.pdf

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. Revista Àrtemis, número 3, 2005.

PENNA, Lucy. Dance e Recrie o Mundo: A força Criativa do Ventre. São Paulo-SP: Summus, 1993.
http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Clone

SARAIVA, Maria do Carmo, CAMARGO, Julieta Furtado. Dança do ventre: Re-significações do feminino? Revista Fazendo o Gênero – Corpo, Violência e poder. Florianópolis, 2008

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1992.